

FILOSOFIA

QUESTÃO 04

Sartre descreve o homem urbano do século XX, enquanto os humanistas do Renascimento propagaram o triunfo a liberdade e a independência do homem, para Sartre “o homem está condenado à liberdade”.

O que o filósofo está querendo dizer na sua aceção de liberdade ao qual o homem está irremediavelmente condenado?

Resolução:

Condenado, porque o homem não se criou, portanto é livre; afinal não pedimos a ninguém para sermos criados como indivíduos livres. Somos indivíduos livres e nossa liberdade nos condena a tomarmos decisões durante toda a nossa vida, pois, não existe regras ou valores eternos, a partir dos quais podemos nos guiar, lembrando que não há um Deus, ou um céu que nos conduza. Isto torna importantes nossas decisões, nossas escolhas.

Sartre nos faz lembrar que nunca o homem poderá negar sua responsabilidade pelo que faz. Por essa razão não podemos colocar de lado a responsabilidade dos nossos atos naturais e dizer que “temos” de ir trabalhar, ou então que “temos” de nos pautar por certas expectativas burguesas quanto ao modo como devemos viver. Aquele que assim procede permanece na facticidade, negando a liberdade, mescla-se a uma massa anônima e se transforma em parte impessoal dela, tornando-se coisa, caindo no anonimato e na despersonalização. Esse tipo de homem fugindo de si mesmo, não querendo se angustiar, por não querer responsabilizar por seus atos, se refugia na mentira, dissimula para si próprio ser ele mesmo autor do seu destino. O indivíduo que age dessa forma é o indivíduo de má fé, é aquele que aceita as normas e os valores dados da tradição.

Diferentemente, o homem que vive a liberdade e a angústia da escolha, e a responsabilidade dos seus atos é aquele que vive a transcendência, que vislumbra projetos e possibilidades, que vive uma existência autêntica, verdadeira. Éticamente, viver uma existência autêntica e verdadeira é dar sentido real ao existir, isso significa que a responsabilidade de nossos atos nos remete a imagem de homem que queremos construir, não diz somente a minha existência individual, mas a todos os homens, pois, ao mesmo tempo em que construímos uma imagem de homem, estamos construindo a imagem de todos os homens, pois, a liberdade só tem sentido na medida de transformação concreta do real, “o que importa não é o que fizeram do homem, mas o que poderemos fazer daquilo que fizeram dele.”, o que nos remete a não escolher o mal como princípio, mas escolher o bem como fundamento da existência.